

educação e psicanálise

OS nossos actos na vida podem dividir-se em conscientes e inconscientes. Alguns autores indicam ainda os subconscientes, isto é, actos em que a consciência pouco intervém. Deixando, porém, a estes de lado, para maior facilidade, consideremos apenas os primeiros: conscientes e inconscientes.

Sempre que se dá o emprêgo dum raciocínio complexo, o acto é consciente. Os ouvintes que estão prestando a atenção a esta rádio-conferência, buscando entendê-la e comentando-a no seu íntimo, cumprem desta sorte um acto consciente. No entanto, os que, distantes, apenas ouvem o som da minha fala, sem ouvir as palavras, sem atenção, porque ocupados em outros misteres, executam um acto subconsciente, digamos inconsciente; dirão mais tarde que nada ouviram, nem mesmo os sons indistintos.

Muitos actos inconscientes se transformam pelo hábito, pela educação em actos inconscientes. A criança que ensala os passos cumpre um acto consciente, no medir os movimentos, no buscar amparo, no evitar obstáculos. Já depois, a marcha se torna automática, inconsciente; e cada um de nós, ao andar, não precisa de raciocinar para saber qual o pé que deva pôr adiante ou que atitude deva imprimir ao corpo. Os movimentos da marcha passaram, através da educação, para a memória do inconsciente; e assim, a fala e a escrita já não necessitam da atenção primitiva para os preciosos movimentos dos lábios e da língua, para a adequada posição dos dedos e da pena. A aquisição consciente dessas imagens incorporou-se na memória inconsciente.

Tem tal força essa memória inconsciente, que muita vez executamos certos actos pelo poder do hábito, inconscientemente, ainda quando esses actos sejam contra a razão. Depois de sabermos condenada uma porta onde costumávamos passar, dirigimo-nos a ela para transpô-la, como se ainda fôra praticável; e vamos buscar numa antiga gaveta um objecto, cujo lugar havíamos mudado para outro sítio.

O inconsciente governa os despóticos, tiránicamente. Costume de casa vai á praça, diz o povo; e muita gente, não podendo executar em público o acto inconsciente a que estava habituada, sente-se por isso aflita ou apenas esboça o gesto inconsciente.

Desse domínio do inconsciente sobre os nossos actos nasceu na Austria, há trinta anos, a psicanálise, graças aos estudos do célebre professor Sigmund Freud. Descobriu êle que certas doenças nervosas, como a histeria, a neurose ansiosa, as obsessões as fobias, essas tendências chamadas vulgarmente manias, até mesmo os vícios do alcool, da morfina, etc., são devidos a emoções remotas desagradáveis, que por seu carácter mais ou menos repulsivo, são esquecidas. Ora, êsse esquecimento é apenas aparente: a recordação foge da memória consciente. É aquilo que julgamos esquecido fica escondido nos refolhos da recordação, a torturar-nos, a governar-nos,

como o inconsciente nos governa.

Mas êsse duende, que enterramos no inconsciente, sai, a despeito nosso, perfura a nossa consciência; trai-nos nas palavras que pronunciamos por engano, nos nomes que esquecemos, nos sonhos que sonhamos.

Mais interessante ainda: para a escola de Freud, a mór parte dessas emoções recônditas, recalçadas, reprimidas no inconsciente—a mór parte desses complexos (que tal é o nome técnico) são de natureza sexual. Não cause isso escândalo. Quando Freud diz sexual não quer dizer apenas genital. A todas as tendências afectivas dá êle o nome sexual. Essa opinião tem encontrado adversários, mas a discordância é apenas em torno dum nome. Para Freud o instinto da criança a sugar o seio materno é sexual, é afectivo. Isso repugna, à primeira vista, mas não é menos verdade. O prazer de sugar o seio é substituído pelo prazer de chupar o dedo ou a chupeta. E o beijo não é, afinal, uma sucção em esboço, um reliquat da sucção que era tão agradável à criança? Não se diz que haja intenção desonesta na criança; mas apenas que aquêles actos, cumpridos em toda a inocência, são no fundo, da mesma natureza que os já universalmente considerados como profundamente sexuais.

Passa-se assim, da conservação do indivíduo à conservação da espécie; e para que se conserva o indivíduo, senão para que a espécie seja conservada?

Ora, essa sexualidade infarrtil, a princípio esparsa e mais tarde, na puberdade, localizada nos órgãos adequados, essa sexualidade infantil—sabe-se—é muita vez reprimida, recalçada pelos preconceitos, pelos acidentales emotivos e vem surgir mais tarde, através da consciência, sob a forma de êrros e lapsos de linguagem, sob a forma de sonhos, sob a forma de traços de carácter, sob a forma de neuroses.

É sabido que, em geral, o pai tem grande apêgo às filhas, preferindo-as aos filhos masculinos; e que as filhas se afeiçoam mais ao pai e à mãe. O mesmo facto se dá entre as mães e os filhos do sexo masculino. Essa afeição pura, honesta, é, no fundo, segundo a escola de Freud, um facto de natureza sexual, ou digamos, afectiva. O amor é um só—ou velado sob o aspecto de afeição honesta, ou brutalmente revelado com o desejo carnal—mas sempre tendendo a assegurar a conservação da espécie.

Repugna aceitar essas ideias? Mas os factos comprovam-nas. Uma das nossas doentes dizia-nos há dias que o seu ideal de homem para casar-se com ela era o próprio pai; que de todos os moços que conhecia, nenhum podia comparar-se com êle. Isso é facto comum: nenhuma filha deseja conscientemente casar-se com o pai. Esse incesto das selvagens sociedades primitivas não o permitiria a civilização moderna. Mas ao cabo de tudo, demonstra a observação que as duas afeições, de filha e de esposa—são da mesma natureza, no fundo.

Esse facto natural às vezes aparece invertido; a afeição preponde-

rante se volta para o mesmo sexo; e aí está a origem de certas perversões sexuais da idade adulta.

—Como, porém, pode a psicanálise intervir na educação? Que influência tem os fenómenos sexuais ou afectivos da infancia no desenvolvimento psíquico e moral do indivíduo? E' o que vamos vêr.

O mundo novo que aparece aos olhos do infante nem sempre lhe é mostrado com toda a verdade. As superstições, os preconceitos da educação da velha escola fazem deturpar aos olhos da criança os factos naturais. Em tudo se faz intervir o maravilhoso: o trovão é a cólera divina; o acidente consecutivo a um brinquedo proibido é o castigo da divindade. Os fenómenos da gravidez e do parto são velados com as histórias das cegonhas ou dos meninos encomendados à Europa. A diferença dos sexos, percebida bem cedo pela criança, na observação dos irmãosinhos, é explicada como uma falsa castração dos indivíduos femininos.

Essa educação sexual perversa é a fonte da maior parte dos desvios da affectividade, nas crianças e nos adultos. O chamado «complexo de castração» gera indivíduos fracos, tímidos, que se sentem amputados de iniciativa. A intervenção do maravilhoso, já nos fantasiosos contos de fadas, já nas exóticas lendas do papá Natal e quejandas, faz que mais tarde o indivíduo espere muita coisa da parte do milagre, do imprevisto, da providência divina, dos sortilégios e feitiçarias, dos azares do jogo...

Por outro lado, o excessivo rigor na educação, como o carinho excessivo, marcam o carácter em traços fundos que só a psicanálise é capaz de apagar, quando ainda seja tempo. No reformatório de Oberhallbrunn, na Austria, o dr. Aichhorn conseguiu pôr a ordem onde havia a desordem, a anarquia, a balburdia. As crianças eram rebeldes—assim o interpretou o psicanálise porque nunca na sua vida tinham recebido outra coisa que ralhos e golpes; descreiam da justiça, porque nunca lhe tinham experimentado os efeitos. Logo que começaram a provar a experiência das atenções dos perceptores, da justiça praticada por êles e dos conselhos e admoestações brandas, houve em cada uma daquelas bequenas almas uma revelação maravilhosa. O método educativo não é de todo novo. E' uma das normas da escola Montessori; mas a psicanálise vem dar base científica ao que fora adquirido empiricamente pela pedagogia.

O carinho excessivo aos filhos do mesmo sexo pode gerar na criança uma inclinação homo-sexual, que pode dar como resultado perversões funestas ou, pelo menos, a timidez ou o horror ante os indivíduos do outro sexo. Da mesma maneira, o carinho demasiado aos filhos do sexo oposto pode exagerar a sexualidade, donde resultam os homens perderem a cabeça por qualquer mulher ou as mulheres que depressa se desmandam.

O complexo da sucção, que consiste na persistência do hábito de chupar o dêdo ou a chupeta, degenera mais tarde, nos vícios que se satisfazem pela bo-